

Um ano de... PCN EM AÇÃO

Algumas lembranças

Porto Velho - RO - 19 a 21 de julho de 1999

.... expliquei aos coordenadores que para o terceiro dia existiam duas possibilidades: uma alternativa era eu mesma conduzir as atividades do módulo 2 sobre Ética e do módulo 8A de História sobre avaliação; outra alternativa era realizar a sugestão da Rosaura, isto é, cada grupo escolheria um módulo e suas atividades e realizariam a experiência de conduzir os trabalhos como eu havia feito com os módulos 1 e 3. Os coordenadores optaram por vivenciar a experiência, com a condição de que um dos grupos ficasse com o módulo de Ética. Eles ficaram com a incumbência de se reunirem a noite e escolherem os demais módulos para apresentação. No dia seguinte, haveria uma hora para que se reunissem e preparassem o trabalho.

Joinville - SC - 11 a 13 de agosto de 1999

Pedi que se reunissem em dupla e que contassem uns para os outros sobre o que fazem, de onde são, do que gostam, o que sonham.... Depois, cada um devia apresentar a sua dupla.

Até então as pessoas estavam muito quietas. Porém, com esta atividade, elas ganharam animo, movimento e apareceram sorrisos, brincadeiras e descontração. Nas apresentações, alguns descobriram que eram da mesma cidade, que estudaram na mesma escola, que trabalharam em locais próximos, que tinham filhos da mesma idade... Enfim, apesar de não se conhecerem, tinham vivências semelhantes e comuns.

Fortaleza - CE - 23 a 25 de agosto de 1999

Em nenhum dos encontros anteriores eu havia desenvolvido atividades dos módulos de História. Resolvi, então, que era tempo de realizá-las. Escolhi o módulo 5, atividades 8, 9, 11 e 17, por conterem estratégias metodológicas de trabalho com imagem e sua inserção em contextos históricos. Utilizamos transparências e os poucos livros do PCN que foram conseguidos pela secretaria.

O trabalho ocupou a manhã inteira e parte da tarde. Envolveu bastante o grupo, apesar da impaciência, das disputas pela palavra, de não esperarem que o outro terminasse, de falarem ao mesmo tempo, de conversarem com os colegas do lado... As conversas eram sobre o assunto em debate, mas dificultaram o andamento do trabalho coletivo. Chegaram a acontecer maus entendidos entre os participantes sobre possibilidades de trabalhos interdisciplinares com obras de arte. A divergência era se o estudo dos estilos, técnicas, materiais das obras deveriam ser desenvolvidos pelo professor de história, pelo professor de arte ou num projeto interdisciplinar. O debate era até interessante, mas as pessoas radicalizaram, queriam que suas opiniões prevalecessem.

Sobral - CE - 26 a 28 de agosto de 1999

Com a projeção do quadro de Picasso na transparência, realizamos a interpretação da obra de arte, seguindo os passos sugeridos na atividade. Todos se envolveram e as discussões foram

interessantes. Apenas um professor sentiu dificuldade de lidar com uma obra com desenhos que não seguiam os padrões figurativos de representar convencionalmente a realidade. No final, o grupo gostou muito da estratégia de ir reconstruindo aos poucos o conteúdo da obra e o seu contexto. Ressaltou a importância do professor saber preparar as perguntas, dominar o conteúdo da obra para poder elaborá-las e como através delas é possível instigar e avançar com os alunos nas interpretações.

Formosa - GO - 8 a 10 de setembro de 1999

Uma outra discussão que emergiu do trabalho do grupo referia-se ao planejamento da oficina. Uma professora perguntou se o grupo havia previsto aquela discussão. Uma das professoras do grupo respondeu que tinha previsto tudo o que aconteceu. Disse que só um professor incompetente não teria previsto. Um bom professor devia saber prever tudo e construir um bom planejamento. Uma outra coordenadora do grupo, de modo acanhado, disse que a discussão a surpreendeu, que foi além do que imaginava. Mas, a pessoa que defendia o plano bem planejado impôs sua opinião e a situação ficou muito constrangedora. Debatesmos então a importância de trabalhar com planejamentos abertos, de se ser surpreendido pelo grupo e aprender junto com ele, de estudar e preparar as atividades e, ao mesmo tempo, reconhecer a necessidade de readaptá-las às circunstâncias, etc. O mais importante era não estabelecer valores para categorizar bons e maus professores, constrangi-los ou desvalorizá-los.

Cuiabá - MT - 15 a 17 de setembro de 1999

Para discutirmos a formação de professores, expliquei que uma prioridade era o estímulo à escrita. Todos deveriam criar o hábito de escrever. A sugestão era a produção de um caderno de registro e a elaboração de relatórios. Uma professora questionou o que fazer com as anotações do caderno de registro. Discutimos as anotações como fragmentos de informações, idéias e dúvidas e a possibilidade delas subsidiarem relatórios de trabalho e textos reflexivos que tivessem usos / funções sociais - publicação em jornais, revistas, artigos para livros...

Vitória - ES - 06 a 08 de outubro de 1999

Cobramos que amadureçam depressa, que abstraiam a situação/oficina e reflitam sobre possibilidades na formação de professores. Lembramos a eles que o nosso assunto em pauta não é, por exemplo, a "Ética na escola". Sobre isto eles já deviam dominar e ter uma posição - se não dominam, deverão estudar e dominar antes de trabalharem com os professores.

A questão que me preocupa é o que acontecerá depois. Será que basta dominar estratégias metodológicas para formar professores? Como os coordenadores irão sustentar debates sem dominar o assunto ou ter alguma referência acerca de alguns princípios que fundamentam esta ou aquela área?

Fortaleza - CE - 20 a 22 de outubro de 1999

O grupo escolheu a atividade 3 do módulo 4 de Educação Física. Este grupo ficou com a incumbência de iniciar a apresentação no terceiro dia. A idéia era de que, antes, logo no início das atividades, organizasse um momento de relaxamento para os professores. Este

momento foi uma solicitação de todos. A intenção era propiciar uma “clima” de mais amizade. No segundo dia, estavam todos nervosos e estressados. Segundo disseram, a culpa era do trânsito, dos problemas em casa, da correria da cidade. Mas, havia ocorrido um choque de opiniões entre professores efetivos do município e técnicos contratados, que foram nomeados por políticos. Acho também que o calor sempre acaba afetando os ânimos.

Natal - RN - 27 a 29 de outubro de 1999

Enquanto as professoras escreviam suas memórias, anotei na lousa toda a pauta dos três dias de encontro. Em Fortaleza, a Amábilis tinha me dito que fazia isso sempre. O meu costume era apresentar a pauta das atividades oralmente e, quando possível, com a ajuda da transparência. Mas, muitas vezes o retroprojeto não estava disponível no primeiro dia e me acostumei a apresentar sem o auxílio da escrita. Em Fortaleza, porém, uma professora questionou várias vezes sobre o que iria acontecer na seqüência. Resolvi, então, que iria experimentar manter a pauta por escrito na lousa para as pessoas acompanharem o que estava acontecendo e qual era a seqüência de atividades. Foi o que fiz em Natal. Aproveitei também para contar para as futuras formadoras o porquê desta minha atitude, ressaltando que sempre estou aprendendo com a experiência. Nas avaliações finais, algumas professoras anotaram que uma das questões do encontro que contribuiu para sua atividade profissional foi a “apresentação da pauta”.

São Luís - MA - 10 a 12 de novembro de 1999

Enquanto os professores escreviam suas memórias, escrevi na lousa a pauta das atividades dos três dias. Através dela, expliquei que o propósito do encontro não era aprofundar conteúdos pertinentes às áreas e nem as propostas específicas apresentadas nos PCN. A intenção era discutir formação de professores, privilegiando questões metodológicas e focando principalmente a diversidade de estratégias didáticas. Como a equipe da secretaria estadual está elaborando a proposta curricular, a ansiedade era grande para discutir as áreas. Técnicos das áreas de história, ciência e matemática vieram pedir informações sobre a possibilidade deste aprofundamento.

Olímpia - SP - 17 a 19 de novembro de 1999

Para experimentar, resolvi ler textos literários para incentivar o gosto pela leitura e sensibilizá-los para que também sensibilizassem seus professores a lerem para seus alunos. Como nunca tinha criado tal situação, escolhi um texto pequeno para o primeiro dia:

- "A criação" - GALEANO, Eduardo. *Memória do fogo vol. I - Os nascimentos*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

A idéia era ler todo dia no início do trabalho, antes de tudo. E apenas ler, sem comentar ou explicar a razão da leitura. Li, então, outro texto no segundo dia. Mas, desisti de ler no terceiro. Pensei que não estavam gostando. Mas, o professor, que anotou as estratégias didáticas, incluiu a leitura do texto entre as atividades desenvolvidas no encontro, com a observação de que eu havia esquecido de fazer a leitura no terceiro dia. Perguntei, então, se haviam gostado e disseram que sim. Tinham até criado a expectativa sobre o que eu leria no dia seguinte.

Salvador - BA - 24 a 26 de novembro de 1999

No início do terceiro dia, depois de ter passado tanto tempo, uma professora veio falar em particular comigo, criticando minhas palavras no final da leitura dos textos de memória. Disse que eu havia dito que "tinha ficado surpresa com os textos", e, com estas palavras e por eu ser "paulista", havia demonstrado preconceito contra os nordestinos. Na hora, a minha única atitude foi ficar brava e contar-lhe que não sou paulista, sou filha de nordestino, e que, se falei o que ela afirmava, havia sido por emoção, por ter gostado muito, e não por preconceito.

Este tipo de situação me fez pensar sobre muitas coisas. Como, nas atividades, despertamos "boas" e "más" emoções nos profissionais, como não controlamos todas as situações, como não nos damos conta de tudo o que acontece nos encontros, como histórias pessoais e locais também estão fortemente presentes. Como pode também ser um problema estar aberto às falas dos outros, aprender a ouvir, se desprover de pré-concepções, aprender a se surpreender com a particularidade de cada grupo.

Bragança Paulista - SP - 9 a 11 de dezembro de 1999

No final do encontro fizemos uma avaliação. Como não forneço nenhuma explicação para as leituras no início dos dias, perguntei, então, se alguém não ia perguntar por que elas aconteciam. Algumas professoras, aliviadas, disseram que não conseguiam justificar aqueles textos. Ficavam esperando que eu fornecesse alguma explicação, mas nada era dito. Tentaram aproximar os conteúdos dos contos com as temáticas do dia, mas não coincidiam. Para elas, "tudo bem" ler um texto sobre a criação do mundo. Mas, o que eu queria dizer com o texto sobre o embarque de escravos em Luanda no século XVII?

Irecê - BA - 9 a 12 de fevereiro de 2000

Chegamos em Irecê depois de uma viagem de 9 horas, saindo de Salvador. Chegamos na noite do dia 8. Apesar do calor da estrada, a noite na cidade estava fria. Tivemos a felicidade de chegar no inverno. A chuva havia enchido os açudes e a paisagem era verde.

Jundiaí - SP - 15 a 18 de fevereiro de 2000

Comecei o trabalho lendo o texto "Cidade" - Ana Miranda. *Noturnos - Contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Perguntei se haviam gostado e a razão de eu ter feito esta leitura. Algumas professoras disseram que o texto falava da vida na cidade, que retratava a realidade e que ele podia ser trabalhado com os alunos em sala de aula. Falei então sobre a nossa tendência em valorizar um texto só por seu conteúdo. Mas, que era preciso estar atento também para o ato de ler, o prazer de ouvir e a presença da leitura na vida escolar.

Gostei mais desta situação de indagar os professores sobre a leitura do que permanecer em silêncio esperando que eles perguntem o sentido. Já em Irecê, tinha sido mais interessante conversar sobre o assunto todos os dias.

Como a situação estava bem resolvida, por conselho da Marília, estabeleci critérios, como é feito nas oficinas de 1^a. a 4^a. séries, para apresentar alguns "modos" de ler.

No segundo dia, li um texto do Millôr - "*Leite, quéqué isso?*"- Estado de S. Paulo, 22 de agosto de 1999 -, utilizando como estratégia o ato de parar em alguns trechos e questionar os professores sobre o que sabiam sobre o assunto. Fiz as paradas nos momentos solicitados pelo próprio texto, quando o autor indaga o leitor sobre o que sabe de situações de outros tempos: "...*lembram quando a gente comprava leite em garrafa...?*"; "...*lembram quando a gente comprava leite no estábulo...?*".

Cruzeiro do Sul - AC - 29 de fevereiro a 2 de março de 2000

Quando estamos em Cruzeiro do Sul não estamos na floresta. Sobrevoamos a floresta para chegar até lá. Mas, lá não encontramos a natureza "selvagem", "sombria" e assolada por "feras", "mosquitos" e "doenças" que está no imaginário das populações urbanas do sul. Encontramos uma pequena cidade interessante: uma igreja enorme em estilo germânico, um teatro monumental novinho, uma estação no porto com arco moldado em ferro fundido na Inglaterra no ano de 1912, um mercado na beira do rio e barcos chegando e saindo. A energia de toda cidade provém de geradores a diesel. No meio do rio, balsas abastecem barcos com bombas de combustível....

Manaus - AM - 14 a 17 de março de 2000

Os textos de memória da apresentação foram escritos em folhas pautadas e incorporados em um grande caderno. Eu tenho dito aos professores: - quem sabe um dia o MEC publica estas memórias em um livro ou divulga em um site na Internet? - E todos gostam da idéia!!!

A novidade, neste encontro, foi orientá-los para que escrevessem sobre a memória da vida escolar na adolescência. Mas, mesmo assim, alguns ainda contaram sobre o tempo de alfabetização e muitos recordaram dos anos de passagem do "primário" para o "ginásial". A impressão é de que são mais marcantes as vivências escolares de quando se é pequeno.

Como a classe era grande, fiquei muito preocupada com o tempo da atividade. Mas, quando fiz a avaliação, disseram que não foi cansativa, principalmente porque cada um havia caprichado no seu texto e eles estavam interessantes....

A avaliação faz parte fundamental de todo curso. Tem sido significativa a situação de avaliar cada atividade coletivamente, a partir das expectativas de aprendizagem, e depois pedir que eles escrevam no caderno uma auto-avaliação, anotando, inclusive, o que querem lembrar quando forem realizar o trabalho de formação junto aos professores. Eles se concentram bastante nestes momentos e ficam todos em silêncio escrevendo. Geralmente perguntam se precisam ler para a classe. E eu digo que não, que estão escrevendo para eles mesmos.

Campo Grande - MS - 11 a 14 de abril de 2000

"A atividade de memória fez com que voltássemos ao passado de maneira a contemplá-lo. Para alguns, percebi que em certo momento quiseram relutar ao expor o seu passado em público, mas com a leitura dos menos tímidos esses foram se soltando e se integrando a proposta.

Observei que algumas pessoas durante a leitura sentiram-se verdadeiramente no passado. É como se estivessem vivendo aquele momento ou encenando sua própria vida. Alguns, como eu, tremiam

suas vozes ao ler o texto, os olhos brilhavam ao relatar tais fatos de sua vida de estudante. Qual de nós não teve a sensação da saudade de um tempo que marcou na nossa história, e em alguns casos norteou sua vida profissional?

Aplausos à proposta ou dinâmica criativa da memória."

Caderno Volante - Lourdelice Nunes Moraes - 11/04/2000

Teixeira de Freitas - BA - 25 a 29 de abril de 2000

O que tem dado certo é o caderno volante. No final do encontro, ele foi lido e todos avaliaram como sendo uma atividade muito significativa e importante.

Mimoso do Sul - ES - 02 a 05 de maio de 2000

Esforço-me nos encontros para permitir aos professores que falem e exponham o que pensam. Se necessário espero sempre o melhor momento para fazer uma intervenção. Algumas vezes, como no caso do trabalho em Mimoso, fico em conflito se devo ou não intervir em certas ocasiões. Como o tempo é curto, penso: deixo ou não deixo passar...

Em Mimoso, optei pelas intervenções - acertei em algumas situações e errei em outras.

Itaperuna - RJ - 16 a 19 de maio de 2000

Uma grande discussão no encontro foi sobre a leitura de José Saramago - *O conto da ilha desconhecida* - que programei para ler, uma parte a cada dia, seguindo o exemplo de Eliane e Rosângela.

Logo no início, um professor de língua portuguesa - Paulo César - ficou escandalizado com a falta de pontuação e questionou: - Quem é este escritor que não sabe escrever? Eu nunca daria um texto como este para meus alunos? Quem é este Saramago?

O debate que se seguiu foi muito bom. Quando, apresentei o Saramago, o professor Paulo questionou por que eu estava lendo uma literatura de "além Atlântico" em vez de ler um texto de autor nacional...

Pensei que seria melhor deixar o Saramago conquistá-lo devagar.

No dia seguinte, ... Já estavam todos curiosos com a história do livro. E foi assim durante os quatro dias. Quem faltava ou chegava atrasado pedia o livro emprestado para ler o que perdeu, tendo o cuidado para não avançar, esperando o momento da leitura coletiva.

No quarto dia, a cumplicidade era grande entre os professores para conhecer o final da história. O silêncio ressoava em suspenso na leitura. Era como tudo e todos estivessem mergulhados no destino do homem do barco e da mulher da limpeza!

Na avaliação final, eu questionei se deveria ler novamente o Saramago para outras turmas. E foi unânime o sim. Até o Paulo gostou.

Itatiba - SP - 23 a 26 de maio de 2000

A avaliação negativa do encontro pode ser atribuída em parte à minha coordenação. Não devo ter sido enfática e dinâmica o bastante para chamar atenção do grupo, envolvido com outras questões nos bastidores. Não chamei a atenção deles por chegarem atrasados e por ficarem ansiosos para o café e o cigarro. Não chamei atenção quando se dispersavam em conversas... Culpa minha!!!

Caxias do Sul - RS - 27 a 30 de junho de 2000

Fruto das discussões entre nós formadores, é possível entender melhor porque o caderno volante faz tanto sucesso. Como explicou a Rosângela na reunião da REMEC, cria laços de afetividade entre nós e o grupo. Há a construção de algo que integra todos, ajudando na formação de uma identidade coletiva....

Além disso, acho que o caderno permite que eles conheçam melhor o programa e sua dimensão nacional. E, por conta também disso, queiram registrar um pouco de sua terra e sua cultura. Ultimamente, costumam colar fotos, panfletos, mapas, músicas..., divulgando sua cidade pelo Brasil.

Do ponto de vista do formador, além de estimular a escrita e ser um instrumento de avaliação, o caderno nos ajuda a nos aproximarmos do grupo, e, assim, conquistá-lo para parcerias. Se não conseguimos esta empatia logo no início, isto pode intervir muito no trabalho.

A reflexão sobre este assunto tem sido nova para mim. Apesar de me esforçar para ganhar a confiança dos professores, eu não tinha claro que certos instrumentos ou atividades podem contribuir neste sentido. Antes, por exemplo, eu pensava que a aceitação ou não dependia do momento, do grupo e mesmo de qualidades pessoais e intrínsecas ao formador - "carisma", "competência", "talento", "disponibilidade", "mágica".... Podíamos até aprender com a prática, ganhar experiência, mas racionalizar o fato de que existem certas ações intencionais que favorecem a integração (claro, sem serem aquelas que todo mundo dá as mãos e se abraça!), eu não sabia.

Lucas do Rio Verde - MT - 18 a 21 de julho de 2000

Voltar ao Mato Grosso significou conhecer um pouco a repercussão do meu trabalho do ano passado. A secretária de educação do município de Sorriso, Ivanilde, participou do encontro comigo em Cuiabá e, quando voltou, implantou o programa, iniciando pela 1^a. a 4^a.. Foi, então, com muita satisfação que pude contar com as reflexões das professoras de Sorriso, que vieram agora se preparar para o trabalho de 5^a. a 8^a. Contaram, por exemplo, que no início tinham muito medo, mas foram perdendo diante dos bons resultados do trabalho. Contaram que elaboram relatórios, que planejam juntas, que preparam material com antecedência e deixam tudo pronto...

De 5^a. a 8^a. estavam prevendo algumas mudanças, principalmente na organização de turmas por área e a necessidade de aprofundar os estudos, também para melhor compreenderem as atividades.

Antonia Terra de Calazans Fernandes
Julho de 2000